CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
FRANK BORZAGE – O LUGAR MAIS SAGRADO
28 de novembro e 2 de dezembro de 2026

MAGNIFICENT DOLL / 1946
No Limiar da Glória

Um filme de Frank Borzage

Realização: Frank Borzage / Argumento: Irving Stone / Fotografia: Joseph Valentine / Música: H. J. Salter / Montagem: Ted J. Kent / Interpretação: Ginger Rogers (Dolly Payne), David Niven (Aaron Burr), Burgess Meredith (James Madison), Peggy Wood (Mrs. Payne), Horace McNally (John Todd), Frances Williams (Amy), Robert Barrat (Mr. John Payne), Grandon Rhodes (Thomas Jefferson), Henri Letondal (Conde d'Arignon), Joe Forte (Senador Ainsworth), Erville Alderson (Darcy), George Barrows (Jedson), Francis McDonald (Barbeiro Jenks), Emmett Vogan (Mr. Gallentine), etc.
Produção: Jack H. Skirball para a Hallmark Productions / Distribuição: Universal Pictures Company / Cópia: digital, preto e branco, legendada eletronicamente em português / Duração: 94 minutos / Estreia Mundial: Nova Iorque, 15 de novembro de 1946 / Estreia em Portugal: Cinema Éden, a 3 de setembro de 1948 / Primeira exibição na Cinemateca: "Ciclo Frank Borzage", 1990.

MAGNIFICENT DOLL é uma das poucas incursões de Borzage nos filmes de "época" e com ele regressa a um período próximo do de HEARTS DIVIDED: às relações da França napoleónica com os EUA, sucede-se o atribulado período da história americana do começo da segunda década do século XIX, face ao novo conflito com a Inglaterra, e com a jovem democracia procurando ainda afirmar-se e ser reconhecida internacionalmente (a campanha para as presidenciais entre Burr e Jefferson assenta exactamente neste ponto). O ponto de partida da história e argumento de Irving Stone para o filme de Borzage assenta numa das mais características personagens históricas desse período dos EUA: Dolly Payne, futura Dolly Madison, mulher do presidente James Madison, e a primeira mulher a entrar na Casa Branca, primeiro como mulher de Madison, ainda Secretário de Estado, e depois como Primeira Dama. Mas como já acontecia em HEARTS DIVIDED os factos reais pouco importam. Dolly surge, antes de mais, como uma das muitas personagens românticas do cinema de Borzage, e, como figura de ficção, mais do que personagem real, está mais próxima da Eleonor Boardman de THE CIRCLE e da Irene Rich de THEY HAD TO SEE PARIS. Como a primeira está durante algum tempo dividida entre o romântico Burr (David Niven) e o circunspecto e dedicado Madison (Burgess Meredith). Como a segunda, mas desta vez em termos de afirmação patriótica, recusa a sedução aristocrática do partido conservador, herdeiros dos primitivos "federalistas", assumindo-se como defensora dos ideais democráticos defendidos por Thomas Jefferson e que Madison continuará. Se a narrativa incide sobre um período particularmente difícil, com a jovem Nação à beira de uma cisão, já a história vai por outros caminhos sem se preocupar com a veracidade das situações. Para Borzage importa mais as personagens "românticas" do que as "históricas", como acontecia em HEARTS DIVIDED e como acontecerá com a insólita (mas coerente) incursão bíblica de THE BIG FISHERMAN. E, como nos anos 30, mas de forma menos declarada, há de novo da parte do realizador, um olhar sobre os EUA na actualidade, num período também de recuperação após a II Guerra Mundial. Aliás, todos os seus filmes do período da guerra exaltam os valores culturais e sociais americanos (Van

Heflin em SEVEN SWEETHEARTS, Ray Milland em TILL WE MEET AGAIN, verdadeiras figuras de embaixadores das virtudes do país natal; a acção de todos na luta da retaguarda em STAGE DOOR CANTEEN; a conciliação de classes em HIS BUTLER'S SISTER; mesmo em THE SPANISH MAIN, onde a América surge como o paraíso prometido para onde os amantes partem no fim).

Borzage vai utilizar neste filme a fórmula aplicada no primeiro SECRETS: o flash-back, que reencontramos de novo no filme seguinte, THAT'S MY MAN. MAGNIFICENT DOLL abre com um travelling sobre um quadro que representa Dolly, quadro a que a narrativa que se segue dá uma importância que transcende a mera reprodução da personagem, como os quadros de STREET ANGEL e SMILIN' THROUGH, mesmo que não possua a força simbólica destes. O quadro encadeia para uma série de planos rápidos que, em breves momentos definem a personagem e a sua acção na luta contra os ingleses (como em A FAREWELL TO ARMS, LITTLE MAN WHAT NOW?, THE SPANISH MAIN e MOONRISE para citarmos alguns dos seus filmes mais famosos, tudo é exposto nos primeiros minutos) e para o baile onde um movimento de grua "isola" Dolly Payne, já completamente definida. O quadro "histórico" está completo. Pode-se portanto entrar pela ficção, pelas margens da História. Os sorrisos que esta representação de Dolly pode ter suscitado entre os historiadores resultam da incompreensão desta "deslocação" que Borzage opera rapidamente entre "quem foi" e a personagem desenvolvida pela ficção, e onde o discurso histórico se introduz de forma romântica, correspondendo às provas de força por que o par tem de passar, para fortalecer a sua união, e onde o discurso idealista de Madison tem a mesma força mística da religião em filmes como THE SEVENTH HEAVEN. Aliás, embora mais complexa, a personagem de Burr está próxima da de Brissac neste filme com o espírito materialista de que está imbuído. O afastamento de Dolly em relação a Burr desenrola-se em simultâneo com o divórcio da população das propostas de Burr. Dolly surge assim como o "espírito" da jovem Nação, que exprime os seus ideais democráticos na fabulosa sequência em que discursa diante da multidão em vias de tentar linchar Burr, culminando no momento em que lhe vira as costas, no que é imitada por todas, inequívoca manifestação de fé nos ideais do já então seu marido. Esta é a última prova por que o par tem de passar, antes de se reunir definitivamente. Talvez seja este o filme mais "político" de Borzage. Repare-se na aparição de cada um dos personagens: Dolly definida imediatamente com a combativa fé em si própria, mas, como o país, dividida ainda entre duas formas de vida. Burr, surgindo como o sedutor, o intruso, de perfil aristocrata e europeu, introduzido por um elegante travelling no interior da pensão da mãe de Dolly (e não é por acaso que Borzage escolhe para o papel um actor britânico: David Niven). Madison, o democrata, apresentado num plano médio austero na cavalariça, que sabe esperar a sua vez: o belíssimo momento em que Dolly e Burr regressam da "visita" à taberna em que tem lugar o duelo, e se beijam com a câmara movendo-se para a lareira junto da qual Madison se encontra sentado.

E MAGNIFICENT DOLL mostra também, como já sabíamos de NO GREATER GLORY, THREE COMRADES e VANISHING VIRGINIAN (um filme tão próximo deste no seu espirito), a habilidade de Borzage na direcção de multidões, sem as usar como mero efeito de grandeza, mas limitando-a ao que importa para a narrativa. Economia de meios para uma economia de discurso.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito em 1990 (Ciclo Frank Borzage).